

O NÚCLEO ÉTICO-METAFÍSICO DO *NEGRINHO DO PASTOREIO* DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Agemir Bavaresco *

RESUMO: Trata-se de uma reflexão do núcleo ético-metafísico da obra simoniana a partir da lenda do *Negrinho do Pastoreio* de João Simões Lopes Neto. O estudo considera a necessidade de refletir sobre a autonomia e a identidade local, num momento em que vivemos uma crescente inserção mundial; desafia a tomada de consciência de nossas raízes antropológicas, para atualizar nossas representações sócio-culturais. O autor, pela sua experiência cultural singular, representa, ao mesmo tempo, a figura do gaúcho em sua particularidade regional - paisagem, tipo e linguagem - e o insere dentro do paradigma heróico universal, que compõe as figuras legendárias de todas as nacionalidades.

Palavras-chave: Núcleo ético-metafísico, identidade plural, oposições literário-filosóficas.

“O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente;
o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho,
e aquele grilo cantador trouxe a esperança...”¹.

Nosso estudo é uma reflexão do núcleo ético-metafísico da obra simoniana a partir da lenda do *Negrinho do Pastoreio*. Salientamos como este núcleo forma o modo de ser gaúcho. Trata-se de pensar a constituição do gaúcho do Rio Grande do Sul, para compreender os traços que fundamentam uma filosofia identitária gaúcha.

As *Lendas do Sul* fundam-se neste olhar mítico sobre o mundo e incorporam a vivência do pampa com suas contradições e identidades compósitas, própria dos protagonistas das histórias de Simões Lopes Neto. Como se constitui o núcleo ético-metafísico do gaúcho, que pode ser verificado na lenda do *Negrinho* e nos principais escritos de Simões Lopes Neto, na medida em que ele recupera a naturalidade do falar do peão, isto é, mostra como o gaúcho representa, compreende e dá sentido ao real?

A escolha do *Negrinho do Pastoreio* justifica-se, pois ele é o “mais genuíno mito rio-grandense, com grande fidelidade à pureza da tradição oral, introduzindo, quando muito, um novo motivo, o de Nossa Senhora, madrinha dos desamparados”. E Augusto Meyer é categórico, ao afirmar que “o único mito realmente popular, com raízes profundas na tradição gaúcha, é o do *Negrinho do Pastoreio*; é também o único de pura cepa rio-grandense, livre de qualquer influência gringa”².

Este estudo considera a necessidade de refletir sobre a autonomia e a identidade local, num momento em que vivemos uma crescente inserção mundial; desafia a tomada de consciência de nossas raízes antropológicas, para atualizar nossas representações sócio-culturais; enfim, quer ser uma contribuição no debate filosófico sobre a produção de um pensar capaz de tornar-se autônomo. A construção deste conhecimento mostra a capacidade de refletir sobre os problemas regionais - particulares - inseridos no contexto dos problemas mundiais - universais - da filosofia. Refletindo sobre o problema da construção dos princípios filosóficos da obra simoneana, contribuiremos para atualizar a representação da figura do gaúcho.

* Professor de Filosofia e Diretor do Instituto Superior de Filosofia da UCPel.

¹ NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos*. Trezentas Onças. Edição crítica de Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, p. 38, 9-11 (no decorrer do trabalho, o número após a página indica sempre a linha da citação), 1988.

² MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do Sul*. In: J. Simões Lopes Neto. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1957, p. 272.

J. Simões Lopes Neto é um autor pelotense que elabora um discurso regionalista, em que aparece a cosmovisão do peão, descrevendo o seu olhar ético- metafísico do mundo, ao incorporar a experiência do mesmo. O autor pela sua experiência cultural singular, representa, ao mesmo tempo, a figura do gaúcho em sua particularidade regional - paisagem, tipo e linguagem - e o insere dentro do paradigma heróico universal, que compõe as figuras legendárias de todas as nacionalidades.

Nosso pressuposto teórico é de que “todo sistema de civilização está organizado em torno de uma substância, de um lar, de um *núcleo ético-mítico* (valores fundamentais do grupo), que poderá ser descoberto graças à hermenêutica dos *mitos básicos* da comunidade, sendo, para este fim, a filosofia da religião um dos instrumentos indispensáveis”³. Junto com o núcleo ético-mítico, que fundamenta a obra simoniana, introduzimos o paradigma hegeliano da luta senhor/escravo como chave hermenêutica da lenda do *Negrinho do Pastoreio*.

O nosso princípio teórico articula-se com o método hermenêutico, para analisar e interpretar o texto simoniano em nível semântico, reflexivo e existencial⁴. Por isso, trataremos, neste artigo de compreender o texto, apropriando-nos da sua estrutura, dos personagens e do discurso simoniano.

1 - A LENDA: O NEGRINHO DO PASTOREIO⁵

“Quando de noite transito no meu gauderiar andejo,
Me paleteia o desejo de encontrar-te, duende amigo,
Pois sei que trazes contigo, Negrinho esmirrado e feio,
O Rio Grande em pastoreio no sinuelo do passado,
E que ali, no descampado que a luz da vela clareia,
O teu vulto esguio, bombeia, como Deus de rito estranho,
Agauchada de antanho que se perdeu na peleia!”⁶

O texto de J. S. L. Neto é a expressão da oralidade. Ouvem-se os personagens narrando os contos e as lendas. São os diversos rostos do gaúcho que conversam, declamam poemets, contam “causos”, quadras, trovas, dizeres, poesias épicas, desafios etc.⁷ Simões Lopes “identifica-se com as fontes da tradição oral”. Ele é o “intérprete das tendências e tradições do nosso homem do campo. Seu intuito era contribuir para a fixação do populário gaúcho. Sabia ouvir

³ RICOEUR, P. *Civilisation universelle et cultures nationales*. In: Enrique Dussel. *Filosofia da Libertação*. Paulus, São Paulo: 1995, nota 42, p. 15.

⁴ Cf. RICOEUR, P. *O conflito das interpretações. Ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978. p. 7.

⁵ NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos. Lendas do sul. Casos do Romualdo*. Edição crítica de Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, 1988; NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1973, p. 179-186. Nós adotaremos para o nosso estudo a versão crítica de Lígia Chiappini, porque esta possui a numeração das linhas, o que facilita encontrar as citações e permite localizar os parágrafos com precisão no texto original.

Este texto surgiu da inspiração de um Seminário sobre *Hermenêutica* ministrado por mim e pelo acadêmico Flávio Luiz Moreira de Oliveira Junior, no Instituto Superior de Teologia Paulo VI da Universidade Católica de Pelotas, de 05 a 11 de outubro de 1999. Registramos, aqui, nossos agradecimentos aos alunos que participaram do mesmo: Cláudio Amorim Vieira, Francisco Carlos Paiva Ferreira e César Augusto Soares da Costa, Mariza Rocha Leite, Luciano O. Gouveia, Rosalvo Jesus Soares.

Agradecemos, igualmente, os co-pesquisadores: Profa. Elisabete de Avila Cezar, Prof. Oscar Brisolar e o acadêmico Flávio Luiz Moreira de Oliveira Junior pelas sugestões e contribuições na redação do texto.

⁶ BRAUN, Jayme Caetano. *50 anos de Poesia. Antologia Poética*. Poesia: *Negrinho do Pastoreio*. Porto Alegre: Martins Livreiro: 1999, p. 35.

⁷ Cf NETO, J. S. L. *Cancioneiro guasca*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

como ninguém, interpretar como poucos, e salvou tanta coisa, que até nisso ele, ‘anda de primeiro’”⁸.

A lenda do *Negrinho do Pastoreio* já era conhecida e contada na credence popular, antes que Simões Lopes a recontasse em seu livro. Existiam, anteriormente, ao menos, três versões literárias publicadas da mesma lenda:

- a) A versão de Apolinário Porto Alegre: *O Crioulo do Pastoreio* de 1875.
- b) A versão uruguaia de Javier Freyre era de 1890.
- c) A versão de Alfredo Varela de 1897.
- d) Finalmente, temos a versão de Simões Lopes Neto publicada em 1906, no *Correio Mercantil*,⁹ que foi, após, inserida em 1913, nas *Lendas do Sul*¹⁰.

A obra simoniana começa transcrevendo e compilando a fala do povo - Cf. *Cancioneiro guasca*. Nela temos o relato harmonioso do gaúcho que vive a paz telúrica do pampa, rompida, depois, pelo drama campesino: Os *Contos gauchescos* (1912) mostram a dramaticidade que compõe a vida do gaúcho.

O drama sempre termina com a vitória de um personagem, porque não temos o reconhecimento entre os membros da comunidade. Depois Simões Lopes escreve as *Lendas do sul* (1913), as quais podem ser consideradas os mitos fundadores do gaúcho. Elas mostram, por exemplo, o *Negrinho do Pastoreio*, em que o drama é superado pela lenda, enquanto narração do reconhecimento entre o estancieiro e o peão, em nível simbólico. A evolução literária de Simões Lopes conclui-se com os *Casos do Romualdo* (1952), os quais constituem uma espécie de comédia que ironiza a ideologização do gaúcho e questionam o *status quo* da sociedade pampeana.

A trajetória literária simoniana evolui, ele, porém, se mantém fiel ao núcleo ético-metafísico, que podemos encontrar no *Negrinho do Pastoreio*. Primeiramente, apresentamos, quase em sinopse, a estrutura da lenda em suas grandes partes e movimentos internos. A partir desta estrutura, o personagem simoniano caracteriza-se, depois, por uma identidade plural, inserida num contexto de estância. Finalmente, os destaques literário-filosóficos mapeiam os eixos fundamentais que articulam a lenda do *Negrinho*. A relação da estrutura com o personagem permite captar a perspectiva literário-filosófica simoniana sobre o gaúcho.

2 - A ESTRUTURA DA LENDA¹¹

“Juntos iremos lembrar aquele maula estancieiro,
que ao botar num formigueiro o teu corpo de criança,
cravou bem fundo uma lança no próprio ser do rincão;
Trazer a recordação, aquela velha tropilha,
Que do topo da coxilha esparramou-se a lo léu,
Para juntar-se no céu contigo e Nossa Senhora,
e hoje cruza, noite a fora, no meio dum fogaréu!”¹²

⁸ MEYER, Augusto. Prefácio. In: J. Simões Lopes Neto. *Contos gauchescos e lendas do sul*. 5ª ed., Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo: Ed. Globo, 1957, p. 15.

⁹ Cf. MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do sul*. In: J. Simões Lopes Neto. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. 5ª ed., Porto Alegre: Ed. Globo, 1957, p. 263. Também pode-se encontrar uma referência da publicação da lenda na carta de Coelho Neto, datada de 1º de janeiro de 1907 e dirigida a Simões Lopes Neto onde ele afirma: “Venho agradecer-lhe a dedicatória da lenda “O *Negrinho do pastoreio* publicada no “*Correio Mercantil*” de 26 de dezembro de 1906”. Cf. Simões Lopes Neto. *op. cit.* Edição crítica de Lúcia Chiappini, p. 168.

¹⁰ CHAVES, Flávio L. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 172.

¹¹ Para organizar a estrutura da lenda, seguimos a edição crítica de Lúcia Chiappini: João Simões Lopes Neto. *op. cit.* p. 169-174.

¹² BRAUN, Jayme Caetano. *Op. cit.* p. 35.

Nós podemos dividir o texto em dois grandes momentos: A perda da carreira que desencadeia a luta entre senhor/escravo e mostra, ao mesmo tempo, a violência instaurada no sistema de poder senhorial; e o *milagre novo* do Negrinho que supera o suplício pela via ética-metafísica e assim restabelece a própria liberdade ¹³.

No interior destes dois momentos, encontramos nove partes que são feitas pelo próprio autor com três asteriscos; considera-se também o próprio conteúdo da lenda. É importante ressaltar que “nas lendas, a presença do narrador [Blau Nunes], sempre um campeiro entre campeiros, é menos viva e direta do que nos contos. Afloram, de quando em quando, variações ou comentários de sentido subjetivo, apenas subordinados ao tom falado habitual” ¹⁴.

1º Momento: A Carreira

1ª) - O contexto e os personagens (p. 169, 1-26): Apresenta-se o pampa aberto e os dois personagens- o estancieiro e o Negrinho.

2ª) - A carreira (p. 169, 27-42 e p. 170, 1-37):

- A disputa acontece entre o estancieiro e o vizinho.
- A carreira tem dois objetivos opostos: O estancieiro quer para si o prêmio da vitória - as mil onças de ouro - enquanto que o vizinho pensa em doá-lo aos pobres.
- O cavalo, conduzido pelo Negrinho, chama-se baio e pertence ao estancieiro; o do vizinho é o mouro.
- A sentença que declara o vencedor, é dada pelo juiz que afirma categoricamente: “Foi na lei”. Ele tem autonomia, ao tomar a decisão, pois é um velho experiente do tempo da guerra de Sepé-Tiaraju.
- O vizinho distribui o prêmio ao “pobrerio” - bois, vacas de leite, potros.

2º) O momento: Ético-metafísico

3ª) - A primeira surra de relho (p. 170, 38-45 e p. 171, 1-24): Paz e hostilidade.

- O Negrinho é posto no palanque e recebe a primeira surra de relho.
- O socorro vem da madrinha, a Virgem Maria. Ele pensa nela e dorme.
- Há uma experiência de paz noturna. A noite é iluminada pelas estrelas: o Cruzeiro, as Três-Marias e a estrela-d’Alva.
- A quietude é rompida pelos guaraxains, que cortaram a tira de couro e o baio fugiu com a tropa.

4ª) - A segunda surra de relho (p. 171, 25-40 e p. 172, 1-10): A maldade do filho.

- O filho do estancieiro conta ao pai que os cavalos fugiram. A surra se repete.
- O Negrinho vai ao oratório da casa e busca uma vela. Os pingos de cera iluminaram o campo e ele conseguiu reunir a tropa.
- Ao amanhecer, o filho do estancieiro dispersou a tropa.

¹³ . Esta divisão em duas grandes partes é proposta por Flávio Loureiro Chaves. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 171.

¹⁴ . MEYER, Augusto. Nota sobre Lendas do Sul. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* p.264.

- 5^a) - A terceira surra de relho (p. 172, 11-31) : A panela do formigueiro e o sonho do estancieiro.
- A última surra provocou cortes na carne e sangramento.
 - O Negrinho chamou pela Virgem, sua madrinha, e suspirou como em estado de morte.
 - O Negrinho é atirado na panela do formigueiro.
 - O sonho do estancieiro revela o desejo mimético num duplo sentido: a) narcisista: “Sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes”; b) e patrimonialista: “Sonhou que tinha mil filhos, mil negrinhos, mil cavalos, mil vezes mil onças de ouro”.
 - Temos a oposição entre o real e o fictício: o formigueiro onde é colocado o Negrinho é real, enquanto que o formigueiro do estancieiro é sonho.
 - Temos uma oposição repetitiva: As três surras que o Negrinho recebeu, culminam numa superação da violência; três vezes o mesmo sonho do estancieiro termina numa pura ilusão.
- 6^a) - O Negrinho de pé, junto ao formigueiro, e o reconhecimento do estancieiro (p. 172, 32-40 e p. 173, 1-7): A luta do senhor/escravo é superada pela mediação metafísica.
- O estancieiro retorna junto ao formigueiro e encontra o Negrinho de pé.
 - Ao lado do Negrinho estava a madrinha Nossa Senhora.
 - O estancieiro, ao vê-la, “caiu de joelhos diante do escravo”.
 - A superação da perda e do choro na serenidade de nem chorar e nem rir: Nas duas primeiras surras, o texto termina assim: “E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou” (p.171, 24 e p. 172, 10). Aqui há uma conclusão diferente: “E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não chorou, e nem se riu” (p. 173, 6).
- 7^a) - A tradição oral dum “milagre novo” (p. 173, 8-23): De escravo torna-se mártir intercessor.
- A tradição se propaga: o fato de o Negrinho, ser devorado na panela do formigueiro vira notícia para vizinhos, posteiros, andantes, tropeiros, mascates, e carreteiros.
 - O Negrinho passa a ter a função de intercessor, para encontrar as coisas perdidas.
 - O Negrinho torna-se um ser invisível: “Ele conduz e pastoreia [a tropilha], sem ninguém ver” (p.173,23).
- 8^a) - O Negrinho repete, anualmente, o movimento de descer ao formigueiro e reunir a tropa (p. 173, 24-30): A superação da inimizade e da dispersão.
- O Negrinho visita as formigas que se tornam suas amigas. O “baio” não escapa, mas se aproxima do seu ginete que recolhe a tropa.
 - O Negrinho desaparece durante 3 dias dentro de um formigueiro e depois ao nascer do terceiro dia, ele sai e reúne a tropa.
- 9^a) - O intercessor das coisas perdidas (p. 173, 31-36 e p. 174, 1-7): “Guardar a esperança”.
- o Negrinho passa a ser invocado como o intercessor dos objetos perdidos;
- A estrutura da lenda em seus dois grandes momentos - a carreira e o ético metafísico - articula as nove partes, dando-lhe unidade. A carreira, como primeiro momento, é o eixo que situa o problema da lenda: o conflito entre um mundo senhoril e os escravos - o Negrinho - e os pobres - os vizinhos.
- O momento ético-metafísico mostra a ação humana e as suas contradições na luta entre o senhor/escravo e, ao mesmo tempo, a superação das mesmas, pela passagem do nível mítico ao simbólico-religioso. Este jogo de contradições se encarna nas próprias personagens que o autor constrói como identidade plural.

3 - O PERSONAGEM SIMONIANO: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PLURAL

“Fazia-me ele [Blau Nunes] a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...”¹⁵.

Simões Lopes constrói a identidade dos personagens partindo do paradigma da hibridação¹⁶. Os personagens não têm uma identidade exclusiva, mas uma identidade híbrida, ou seja, a dependência cultural não cria em Simões Lopes um discurso ressentido, pois ele sabe a marca inevitável do contato com outras culturas desde o tempo das colônias. A cópia é parte integrante da formação cultural. O gaúcho não se tornou “gaúcho por subtração”, mas do outro construiu a própria identidade. “Entretanto, o dado fundamental para a interpretação da obra simoniana não é a sua inclusão no regionalismo, mas o fato de que, incorporando-o, tenha conseguido dialeticamente ultrapassá-lo para expressar uma *visão do mundo*.”¹⁷

A construção da identidade cultural na literatura regional latino-americana pode ser compreendida em três momentos: a) a mestiçagem: a homogeneidade; b) a criouliização: o diferente; c) a teoria da hibridação ou a identidade compósita: do ser ao sendo¹⁸.

a) A mestiçagem é o ponto de vista da modernidade que se baseia na ideologia da homogeneização centralizadora, que tem como pressuposto a teoria do branqueamento. A idéia da mestiçagem aceitava a mistura de todas as etnias, desde que predominasse a cultura e a etnia branca, isto é, a identidade exclusivista: a sociedade deveria torna-se branca. Isto implica realizar a passagem do mestiço ao branco, ou seja, a mistura de etnias leva a homogeneidade que purifica o que é misturado e afirma, finalmente, só a identidade do ser branco.

b) A criouliização é a afirmação de uma identidade diferente que desestabiliza a visão homogênea e estática da identidade mestiça. A identidade crioula põe em movimento construções identitárias abertas ao diferente. Ela supera a identidade mestiça que é homogênea e exclusivamente branca. A teoria do criouliismo, na literatura, é a tendência nativista que afirma uma identidade diferente.

c) A teoria da hibridação ou a teoria da identidade compósita: No entender de García Canclini, a hibridação é uma das noções-chaves, para compreender a história latino-americana. A tese da hibridação afirma que “a modernidade européia não eliminou as tradições autóctones; ela deu lugar a formas sincréticas, onde as matrizes indígenas, espanholas e portuguesas foram reelaboradas para constituir uma mistura”¹⁹.

A construção de uma identidade compósita é a síntese entre a homogeneização da mestiçagem e o diferente crioulo. A ontologia subjacente é a superação da homogeneização - a

¹⁵ NETO, Simões Lopes. Apresentação de Blau Nunes. Edição crítica de Lúcia Chiappini, Rio de Janeiro: Presença, 1988, p.33, 41-43.

¹⁶ Cf. BERNND, Zilá e LOPES, Cícero Galeno. *Identidades e Estéticas Compósitas*. Porto Alegre: La Salle e PPG-Letras/UFRGS, 1999.

¹⁷ CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 16.

¹⁸ Cf. BERNND, Zilá e LOPES, Cícero Galeno. *op. cit.*, p. 22-24.

¹⁹ CANCLINI, García. *Stratégies du recyclage. Arts cultes et populaires en Amérique Latine*. In Moser et alii, eds. *Recyclages - économies de l'appropriation culturelle*. Montréal: Balzac, 1997. In: Zilá Bernd e Cícero Galeno Lopes. *Op. cit.* 22.

identidade do ser único - e do diferente para a afirmação de uma identidade *sendo* que inclui as escrituras híbridas abertas ao pluralismo de origens culturais múltiplas.

Alguns personagens simonianos podem ser inseridos dentro da identidade compósita, por exemplo, o *Negrinho* ou *Teiniaguá da Salamanca do Jarau* etc. Eles expressam a mobilidade e a capacidade de transformação de nossa cultura. Vejamos alguns personagens da lenda do *Negrinho do Pastoreio*.

a) O Negrinho é um personagem compósito que representa o movimento permanente da realidade: Ele sai para recolher o gado, desaparece por três dias e depois volta, desce ao formigueiro, depois sobe: anda errante pelos campos, sempre aberto à relação com o diverso, quer seja com o estancieiro ou com todos aqueles que acendem uma vela para encontrar algo perdido.

O Negrinho é uma figura híbrida em constante metamorfose, pois ele é, ao mesmo tempo, um homem, um ser divino e um santo. Enquanto homem, ele está em contato com o patrão e com a Madrinha Virgem Maria. Depois de morto, retorna ciclicamente como um ser divino: “Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece”, porém, depois aparece e monta no baio e “vai fazer a sua recolhida”. Enfim, como um santo, é invocado, para encontrar os objetos perdidos: “O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos”, para isso basta acender um vela em seu nome.

O Negrinho é um personagem associado à questão da negritude. A lenda do Negrinho coloca o problema da escravidão e a superação da mesma em nível simbólico pela afirmação identitária religiosa: Ele é sem nome e busca sua identidade no plano religioso, tornando-se afilhado da Virgem, Nossa Senhora.

b) Em oposição ao Negrinho, está o estancieiro. Ele é um personagem que encarna o tipo avarento, egoísta e cruel. Não é um personagem com uma identidade compósita. Ele é a identidade rígida, dura e definida: o ser imóvel. O estancieiro compõe-se de uma *identidade de raiz* axial que se opõe à *identidade rizoma* do Negrinho ²⁰. A identidade do estancieiro é vertical e homogênea, pois ele vive só e não se conecta com ninguém: “Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante.” ²¹ Ele é o oposto do Negrinho que tem uma identidade *rizoma*, isto é, estabelece uma rede de conexões heterogêneas. O Negrinho, enquanto *identidade rizoma*, se ramifica em qualquer direção, pois ele se conecta num feixe de inúmeras pessoas: Nossa Senhora, os vizinhos e todos os que procuram coisas perdidas. O Negrinho é uma identidade que vai ao encontro de outras raízes, intercambiando relações, a partir do princípio da alteridade, da cultura e da estética compósita. O estancieiro e seu filho regem-se pela identidade de raiz que é única e excludente, porque não considera os outros formadores da sua própria identidade.

c) Nossa Senhora é apresentada como a madrinha “de quem não a tem”. Ela é a única

¹⁹ CANCLINI, García. *Stratégies du recyclage. Arts cultes et populaires en Amérique Latine*. In Moser et alii, eds. *Recyclages - économies de l'appropriation culturelle*. Montréal: Balzac, 1997. In: Zilá Bernd e Cícero Galeno Lopes. *Op. cit.* 22.

²⁰ A noção de *raiz* em oposição à de *rizoma* foi introduzida por Deleuze e Guattari (1995) através da classificação botânica das raízes. Detiveram-se, então, nos principais grupos: o das raízes axiais ou pivotantes, e o das raízes fasciculadas ou rizomáticas: o primeiro grupo é representativo daquelas raízes possuidoras de um eixo principal do qual brotam pequenas radículas; esse eixo é singular em cada planta e se desenvolve verticalmente. Já as raízes fasciculadas, que passaram a ser chamadas rizomas, possuem um ponto de origem que aborta o eixo principal e do qual se ramifica um feixe de raízes, inúmeras fascículas igualmente desenvolvidas e que se dispõem em todas as direções”. Ana Boff de Godoy. *Identidade criouliizada: a (re)construção de um novo homem*. In: BERND, Zilá LOPES, Cícero G.. *Op. cit.* 64.

²¹ NETO, J. Simões Lopes. *Op. cit.* p. 169, 7.

mulher que aparece na lenda. Coloca a questão da identidade feminina, criada através da figura compósita, começando pelo elemento religioso: mãe de Deus; popular: madrinha; e cultural: protetora. Nela se encontra a síntese e a reconciliação das contradições da lenda.

d) Enfim, o juiz é o personagem que se insere na tradição cultural dos pais fundadores da cultura gaúcha: os índios. “O juiz era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiraiú, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo”²².

O personagem simoniano é o *tipo* ou o *modelo* que representa os traços e as contradições sociais, morais, psicológicas de uma época²³. Por exemplo, os dois *tipos*: o Negrinho e o estancieiro apresentam os grandes problemas da época, fundindo o concreto e a norma, o elemento humano e o metafísico, o histórico e o essencial, o momento individual e o universal social. Nesse sentido, a representação típica simoniana mostra as tendências regionais da evolução social do gaúcho, porém ele realiza, ao mesmo tempo, a ultrapassagem do regionalismo, pois insere a sua obra no *tipo* universal, como veremos abaixo.

4 - DESTAQUES LITERÁRIO-FILOSÓFICOS DA LENDA

Simões Lopes usa uma linguagem regional, portanto particular, no entanto, aqui são inseridos os conflitos e os dramas de todo homem, portanto, universal. “O regionalismo simoniano não se esgota na representação mimética do espaço regional; inclui a condição problemática do homem, impondo os meios de sua própria expressão. Daí nascem os vários níveis do discurso literário, todos, estruturalmente, interdependentes na unidade do resultado final - o regional, o histórico, o psicológico e o mítico”²⁴.

Considerando as três versões anteriores da lenda do *Negrinho do Pastoreio*, o que Simões Lopes Neto introduziu de original na sua versão de 1913? No entender de Augusto Meyer, o autor, introduz “no corpo da tradição as seguintes variantes, que não vejo noutras fontes: *o menino mau*, filho do estancieiro, personagem de relevo na desgraça do Negrinho; *o motivo de Nossa Senhora*, madrinha dos desvalidos; *o lance importante das carreiras*, pois o próprio herói da história é o corredor do parelheiro, e a corrida em cancha reta, essencial no caso, não se limita a servir de simples episódio, assumindo a importância de um clímax, dentro da linha da narrativa”²⁵.

O tema da carreira mostra a estrutura social de dominação e as relações de violência e arbítrio que se organizam a partir da estância. “Não haveria, no texto, a reflexão sobre o poder, se não houvesse esta variante, que é, precisamente, uma invenção simoniana. De fato, a variante do lance das carreiras, inventado e introduzido por Simões Lopes Neto, assume um significado importante, porque esclarece precisamente isto: ele não pretendeu repetir e não reeditou a lenda conhecida; apropriou-se da tradição e criou o texto novo e autônomo, uma narrativa inteiramente referida à sua ética humanista e à noção da liberdade individual, ambas opostas à ideologia da dominação senhorial”²⁶.

Outro elemento original de Simões Lopes é o tema da madrinha, a Virgem Maria. Este tema aparece do princípio ao fim do relato. A Virgem Maria dá à horizontalidade “naturalista” o sentido metafísico do arquétipo cristão. “A figura da Virgem acompanha o Negrinho, ajuda-o

²² Id. p. 170, 24-26.

²³ Cf. LUKÁCS, Georg. *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 30. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p.17-18.

²⁴ CHAVES, Flávio Loureiro. *Op. cit.* p. 16.

²⁵ MEYER, Augusto. *Prosa dos Pagos*. 2ª ed., Rio de Janeiro: São José, 1960, p. 112. In: Flávio L. Chaves. *op. cit.* p. 172.

²⁶ CHAVES, Flávio L.. *op. cit.* p. 172-174.

a reencontrar a tropilha, preside à ressurreição do escravo diante do estancieiro, e, finalmente, ficamos sabendo ter sido ela “quem o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver”, restaurando na plenitude a liberdade perdida. A isso o narrador denomina um *milagre novo*, situando-o como o eixo central da sua história, justamente a segunda variante, que não existia antes de sua redação e agora passa a ser um dado fundamental”²⁷.

Vejam algumas características literário-filosóficas que marcam a lenda. Não nos ateremos aos aspectos técnicos e formais da literatura simoniana. Para tal nós remetemos à análise exaustiva de Aurélio Buarque de Hollanda,²⁸ o qual afirma que a obra de Simões Lopes é uma “pintura, e não fotografia”²⁹, isto é, ela é uma criação e não mera cópia ou reprodução da realidade.

a) A oposição entre o tempo cíclico e o histórico: O mito desenvolve-se num tempo cíclico, portanto repetitivo, enquanto que as narrações cristãs assumem o tempo histórico em forma de espiral, portanto de criação inovadora. No entender de Flávio L. Chaves, “não se poderá dizer que o texto *d’O Negrinho do Pastoreio* é uma lenda, *stricto sensu*”, porque temos, de um lado, uma perspectiva histórica, onde nasceu a lenda, isto é, a sociedade da estância. A lenda cumpre, aqui, uma função contra-ideológica em relação ao poder vigente dos estancieiros. Ela situa-se num espaço social, retrata tipos de comportamentos e analisa a realidade pampeana dentro do estilo naturalista.

De outro lado, a narrativa inicia com a expressão “naquele tempo” que caracteriza o tempo mítico. O mito articula o tempo através da repetição vida/morte e contempla a lentidão paciente do ciclo cósmico: “Veio o sol, veio o vento, veio a chuva, veio a noite” (p. 171, 1); “Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casa das frutas. Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto” (p. 172, 27-29). Na etapa final da narrativa afirma-se: “Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa” (p. 173, 19), ou ainda, “Desde então e ainda hoje” (p. 173, 31)³⁰. Nós temos, portanto, na lenda/mito a oposição destes dois tempos: o da história e o do mito.

b) A oposição entre grande e pequeno e a opção simoniana pelo Negrinho: De um lado, o autor usa termos de intensidade que expressam o excesso: “muita prataria, muito caufla, muito mau, muito” (p. 169, 5-6). Por outro lado, aparecem os diminutivos: “e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente - o Negrinho” (p. 169, 20-21). É importante ressaltar que Simões Lopes usa sempre a letra maiúscula para escrever o nome do Negrinho, ao contrário, ele usa a minúscula para escrever o nome do estancieiro. Isso mostra uma opção do tipo de personagem preferido pelo autor. “Verifica-se que o estancieiro-soldado não corresponde em nenhuma hipótese (nem no pano de fundo dos *Contos Gauchescos*, nem na acusação das *Lendas do Sul*), ao *gaúcho* ideado por Simões Lopes Neto. Este é, mais do que um tipo social, a personificação dum conjunto de valores - coragem, lealdade, confiança, amizade - atribuídos privativamente aos peões, agregados, posteiros, escravos, no contexto que a narrativa propõe”³¹.

²⁷ Id. p. 174-175.

²⁸ Introdução: *Linguagem e estilo de Simões Lopes Neto*. In: NETO, J. S. Lopes. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Ed. Globo, 1957, p. 27-113.

²⁹ Id. p. 17.

³⁰ Cf. Flávio L. Chaves. *op. cit.* p. 173.

³¹ Flávio L. Chaves. *op. cit.* p. 174. “Há um claro acento popular em todos os contos, autêntico e espontâneo, que toparemos dificilmente na literatura regionalista ou com veleidades “populistas” dos nossos escritores. Talvez ninguém no Brasil tenha conseguido uma identificação tão profunda com o espírito dos seus pagos, a tal ponto que o próprio João Simões Lopes Neto, o pelotense culto e de família patricia, inteiramente se apaga na sombra de Blau, o vaqueano”. Cf. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* Prefácio de Augusto Meyer, p. 12.

c) Personagens universais e/ou duas éticas: O estancieiro e o Negrinho com suas características encarnam dois modos diferentes de agir, que são, ao mesmo tempo, tipos humanos universais. O Negrinho rege o seu agir pela humildade, a fé, o serviço, enquanto que o estancieiro exerce a autoridade tirânica, a crueldade, a avareza, a vingança e a falta de compaixão.

O estancieiro é retratado eticamente como o não solidário: “Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas” (p. 169, 7-11). A brutalidade do estancieiro pode ser verificada no texto simoniano, enquanto “reflexão sobre o exercício do poder autocrático e na denúncia da dominação patrimonialista traduzida nas relações de arbítrio e violência”³² instaladas na estância.

Contraposta à ética do estancieiro está a ética do Negrinho que, segundo Augusto Meyer, pode-se constatar na “profunda vibração de solidariedade humana que o transforma em símbolo de uma raça”. O personagem coletivo/universal, no caso o Negrinho, tem a capacidade de representar a identificação coletiva dos escravos. “Os elementos contidos no “causo” não justificariam, plenamente, o prestígio da lenda, se não resumisse o Negrinho tantos outros destinos de crianças que nunca tiveram infância, se ele não fosse o representante de todos aqueles negrinhos e negrinhas sacrificados pelo cativo”³³.

Merece um destaque a atuação do juiz que julga acima das pressões do estancieiro. O juiz, de cabeça branca, sentencia para todos ouvirem: - “Foi na lei! Perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro. Quem perdeu, que pague” (p. 170, 28-30). Ele é o tipo ético que age, não começando pelos interesses ou conveniências, mas segundo a lei. Temos na lenda, o Negrinho e o juiz que resistem ao estancieiro, o primeiro, pela meio ético-metafísico e o segundo, pela tradição da justiça que se inspira na lei indígena.

d) As duas representações:

1) O estancieiro representa o sonho de poder: “Nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro... e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno...” (p. 172, 23-26). O mundo da estância, comandado pelos estancieiros-soldados, é regido pela noção de propriedade que se determina pela militarização do pampa - cf. o caso *d’O Anjo da Vitória* - e o predomínio do lucro com a reificação ou desmitização do espaço natural - cf. o caso *d’O Boi Velho* - através das diversas guerras e a estrutura patrimonialista de dominação³⁴.

2) O Negrinho é a figura que representa a superação da contradição senhor/escravo através da figura maternal e religiosa da madrinha: “O estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo” (p. 172, 40 e p.173, 1-3).

e) As referências à simbologia cristã (a passagem do mito à religião)

1) Há um paralelo entre o texto do *Negrinho* e o texto do Evangelho que narra a paixão, morte e ressurreição de Jesus (o tríduo pascal): “Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formi-

³² Id. p. 174.

³³ MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do Sul*. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* p. 267-268.

³⁴ Cf. CHAVES, Flávio L.. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 165.

gas, suas amigas” (descida de Jesus ao sepulcro/morte); a sua tropilha esparrama-se; e um aqui, outro por lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas, ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete” (saída do túmulo/ressurreição) (p. 173, 24-28).

2) A figura do Negrinho é semelhante à figura do “servo sofredor” do profeta Isaías. O sofrimento, as injustiças e a dor carnal do Negrinho são superados no plano simbólico-religioso.

3) A mãe - a madrinha - é reverenciada como protetora e redentora na figura da Virgem Maria. Tal como Jesus Cristo, o salvador da humanidade, Maria é a que salva e redime o Negrinho: “A Virgem, Nossa Senhora, que o *remiu e salvou* [o itálico é nosso] e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver” (cf. p. 173, 22-23).

Vimos que Simões Lopes introduz em sua versão do *Negrinho do Pastoreio* três temas originais - a carreira, o menino mau e a madrinha, Virgem Maria - que são decisivos para marcar a *ethos* do gaúcho. Estes temas perpassam toda a lenda, dando-lhe consistência através das diversas oposições literário-filosóficas entre o tempo cíclico e o histórico, entre o grande e o pequeno, ou seja, entre duas éticas e duas representações de mundo, que encontram uma mediação na simbologia cristã, como substrato metafísico-cultural. Enfim, cabe-nos concluir, dizendo que a “expressão simoniana assinala um momento decisivo na tradição regionalista gaúcha e brasileira justamente porque, ao ultrapassar a documentação da realidade aparente, impõe esta *visão do mundo* que exige o contraste, o paradoxo, o símbolo e a metáfora como seus fundamentos e leva-nos à fronteira da linguagem”³⁵.

A obra de Simões Lopes Neto teve uma importância impar na formação da identidade não só do Rio Grande do Sul, como também latino-americana, porque ele ajudou a criar a figura do gaúcho que é própria igualmente também de outros países platinos.

Existe a urgência de elaborarmos uma filosofia que garanta a identidade regional num contexto de globalização. Ora, isto implica a criação de uma *filosofia da identidade* que resgate as raízes ético-metafísicas não só do gaúcho, mas da América Latina.

Só uma filosofia capaz de pensar a produção literária, artística e a história latino-americana abrirá o corredor de um pensar autônomo e estabelecerá as condições do diálogo com o pensar filosófico mundial.

Existem “fortunas filosóficas” na literatura, poesia, mitos, lendas, arte e história latino-americanas a serem reveladas pelo pensar criador daqueles filósofos que têm a ousadia de dialogar hermeneuticamente para além da repetição das *mesmas* grandes narrações do centro, e tomar o caminho humilde de “cuidar” do *outro* - o pampa, o vale e a montanha - enquanto horizonte provocador de liberdade.

Nós entendemos por *filosofia da identidade*, aquela que é capaz de refletir sobre as três formas e origens de construção de identidades, segundo Manuel Castells³⁶: a) a identidade *legitimadora*; b) a identidade de *resistência* e c) a identidade de *projeto*.

A *identidade legitimadora* constrói-se a partir das instituições dominantes da sociedade com a finalidade de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. Enquanto que a *identidade de resistência* é criada pelos atores que se encontram em posição ou condição desvalorizada ou/e de exclusão em relação à lógica de dominação. Este tipo de identidade se caracteriza pela resistência, face a instituições com projetos opostos aos seus.

³⁵ Id. p. 233.

³⁶ *O poder da identidade*. V. 2. São Paulo: 1999, p. 24.

Enfim, na *identidade de projeto*, os atores sociais elaboram uma nova identidade que seja capaz de fazer uma inserção alternativa na estrutura social.

Tendo presente esse pressuposto tipológico na construção identitária dos atores sociais, cabe à filosofia a tarefa de refletir a questão da identidade ou das identidades face à nova *sociedade em rede*,³⁷ que constitui o cenário fundamental e determinante do mundo atual.

Considerando que a identidade pode ser de 3 tipos, conforme vimos acima, concluímos que:

a) Na *identidade legitimadora* conforme é descrita na lenda do *Negrinho*, constata-se que o poder do estancieiro dá origem a uma sociedade civil, em que se internaliza a dominação e se busca a legitimação de uma identidade imposta e padronizada, ou seja, uma identidade homogênea. Ora, no início deste novo milênio, de um lado, vemos que “o rei e a rainha, o Estado e a sociedade civil estão todos nus, e seus filhos-cidadãos estão vagando em busca de proteção por vários lares adotivos”. Por outro lado, testemunhamos o “surgimento de um mundo exclusivamente constituído de mercados, redes, indivíduos e organizações estratégicas”, em que pareceria não serem mais necessárias as identidades e só imperariam “os instintos básicos, lutas pelo poder, cálculos estratégicos centrados em si próprios e em nível macrossocial”³⁸. Face a isso, como criar uma identidade legitimadora, que garanta um poder democrático e cidadão? Ou seja, como recriar o Estado e não, simplesmente, cair na retórica imediatista da volta ao nacionalismo tribal?

b) Na *identidade de resistência*, Simões Lopes Neto descreve o *Negrinho* como um personagem composto que encarna uma identidade plural. O *Negrinho* é o modelo de uma *identidade de resistência*, na medida em que ele se opõe à opressão do estancieiro, a partir de um núcleo ético-metafísico que não se restringe aos valores tradicionais - Deus, nação, família, etnia e território -, mas os inclui e os amplia dentro de novas referências identitárias.

Porém, o que se constata, hoje, é que as *identidades de resistência* estão diluídas na *sociedade em rede* como resultado da dissolução de identidades legitimadoras que constituíam a sociedade civil da era industrial³⁹. Como elaborar uma lógica inclusiva que garanta a coexistência pacífica e autônoma entre os atores sociais, o Estado, as redes globais, os indivíduos centrados em si próprios e as comunidades formadas, partindo da *identidade de resistência*? Ou seja, quais categorias podem afirmar a comunidade, ou o poder local, como espaço plural, alternativo e aberto aos outros espaços comunitários e à esfera mundial?

c) Na *identidade de projeto*, a figura do *Negrinho* constitui-se na criação de um sujeito capaz de criar uma história pessoal, de atribuir significado ao conjunto de experiências da vida. No entanto, a passagem da comunidade para a sociedade estamentária manifesta a oposição entre “dominadores e dominados”, através da introdução do criador de gado, do cavaleiro e da militarização da fronteira. A *identidade de projeto* do *Negrinho* é, na verdade, a afirmação da *comunidade* que foi eliminada com a passagem da estância para estrutura da sociedade estamentária.

No entender de M. Castells, as novas *identidades de projeto* parecem não mais surgir

³⁷ A definição de *sociedade em rede* compreende três elementos fundamentais, segundo M. Castells: a *globalização da atividade econômica* através das redes, a flexibilidade e a instabilidade do emprego; a *cultura da virtualidade* construída a partir de um sistema de mídia onipresente; e a *transformação das bases materiais da vida* que são o tempo e o espaço através da criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal. Id. p. 17.

³⁸ Id. p. 418.

³⁹ Id. p. 419.

de “identidades anteriores presentes na sociedade civil da era industrial, mas sim, de um desenvolvimento das atuais *identidades de resistência*”. A hipótese do autor é a reconstrução de identidade com base na resistência comunal, em sujeitos transformacionais na era da informação ⁴⁰.

O que nos interessa aqui é destacar a *identidade de resistência*, enquanto um elemento identitário fundamental na lenda do *Negrinho do Pastoreio*, o qual se constitui no ponto de apoio para a construção da *identidade de projeto*. “São nesses recônditos da sociedade, seja em redes eletrônicas alternativas, seja em *redes populares de resistência comunitária* (o grifo é nosso), que tenho notado a presença dos embriões de uma nova sociedade, germinados nos campos da história pelo poder da identidade” ⁴¹. A *identidade de projeto* tem, na *identidade de resistência* comunal, a sua base de construção de um *poder local* capaz de fazer uma inserção autônoma na esfera mundial. Isso evita a diluição dos agentes sociais, garante a intervenção descentralizada e, ao mesmo tempo, integrada na *sociedade em rede*.

Nossa pesquisa coloca o desafio de uma *filosofia da identidade*, ou seja, a urgência de reconstruir a *identidade legitimadora*, nascendo da *identidade de resistência* descrita na figura do Negrinho, enquanto este permite pensar a construção de um espaço comunitário local de resistência, base para o lançamento da *identidade de projeto*, que os atores sociais produzirão, iniciando pelos elementos culturais, redefinindo deste modo sua posição e ação na *sociedade em rede*.

ABSTRACT: It is a reflection of the ethical-metaphysical nucleus of João’s Simões Lopes Neto work, starting from the legend of the *Black Boy of the Pasturing*. The study considers the need to contemplate about the autonomy and the local identity, in one moment in that lived a growing world insert; it challenges the taking of conscience of our anthropological roots, to modernize our partner-cultural representations. The author for its singular cultural experience, represents, at the same time, the illustration of the “gaúcho” in its regional particularity - landscape, type and language - and it inserts it inside of the universal heroic paradigm, that composes the legendary illustrations of all the nationalities.

WORD-KEY: Ethical-metaphysician nucleus, plural identity, literary-philosophical oppositions.

⁴⁰ Id. p. 28.

⁴¹ Id. p. 427.

Bibliografia

a) *Obras de J. Simões Lopes Neto:*

NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Edição crítica com introdução, variantes, notas e glossário por Aurélio Buarque de Hollanda. Prefácio e nota de Augusto Meyer. Posfácio de Carlos Reverbel. Col. Província, v. 1, 5ª ed., Porto Alegre, Ed. Globo, 1957.

NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Fixação do texto e glossário de Aurélio Buarque de Hollanda. Porto Alegre, Ed. Globo, 1973.

NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos. Lendas do Sul. Casos do Romualdo*. Edição crítica por Lígia Chiappini. Rio de Janeiro, Presença, 1988.

NETO, João Simões Lopes. *Cancioneiro Guasca*. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1999.

b) *Comentários sobre a obra de J. Simões Lopes Neto:*

BERND, Zilé e LOPES, Cícero Galeno (organizadores). *Identidades e estéticas compósitas*. Porto Alegre, La Salle e UFRGS, 1999.

BRAUN, Jayme Caetano. *50 anos de poesia*. Payador. Antologia poética. 3ª ed., Porto Alegre, Martins Livreiro, 1999.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

MATTOS, Mário. *Simões Lopes Neto: tempo de resgate*. Súmula biográfica. Fortuna crítica. Pelotas, Ed. E.P.P., 1999.

REVERBEL, Carlos. *Um capitão do guarda nacional*. Caxias do Sul, Martins Livreiro e UCS, 1981.

_____. *O gaúcho. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. Porto Alegre, L&PM, 1986.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits (organizador). *Breve inventário de temas do sul*. Porto Alegre, UNIVATES, UFRGS, FEE, 1988.

TOLEDO, Dionísio. *Simões Lopes Neto*. Seleção dos melhores contos. São Paulo, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, L&PM, 1985.

_____. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, L&PM, 1992.